

Proust e La Sizeranne: uma rivalidade à luz de cartas e notas de rodapé

Luciana Persice Nogueira¹

MARCEL PROUST (1871-1922) começou a participar ainda muito jovem da fervilhante vida artística, intelectual e acadêmica que caracterizou todo o período da *Belle Époque*. Desde 1887, funda ou colabora em pequenas e efêmeras revistas literárias: *Le Lundi*, *La Revue Seconde*, *La Revue Verte* e *La Revue Lilas*. Em 1890, na faculdade de direito, Proust começa a escrever e editar o jornal *Le Mensuel*, sobre assuntos de interesse político e social, além de uma coluna de moda. Em 1892, com antigos colegas do Concorcet, ele publica a revista *Le Banquet*, voltada para a literatura e a filosofia. Em 1893, com esse mesmo grupo de colegas e amigos, fecha *Le Banquet* e se integra à *Revue Blanche* – focada sobre questões literárias, filosóficas, artísticas e políticas, e que desfrutava de prestígio junto aos meios letrados: era a maior rival da revista *Mercure de France*; foi o periódico que primeiro difundiu o trabalho de Nietzsche na França; teve relevo por ocasião do Caso Dreyfus – esse divisor de águas e gerador de cismas entre grandes nomes e muitos grupos da época.

Essa pequena lista de revistas e publicações representa apenas uma ínfima parte, representativa, da plethora de edições e editoras que disputavam a vez e voz no cenário artístico e intelectual da época, e que encenavam batalhas, acirravam polêmicas, serviam de instrumento e pretexto para alianças e/ou rupturas entre os mais diversos grupos que transitavam em meio a salões, cafés, bibliotecas e salas de aula, variando de palco e púlpito.

Desde muito cedo, Proust desejou ser lido. Ao analisar os textos de crítica teatral durante esse período da vida do escritor, o estudioso Yukiko Nakao ressalta que o jovem Proust já se preocupava em publicar seus escritos e ideias sobre arte. E em seus escritos, seguia uma tendência geral, que permeava a maioria das revistas mencionadas, qual seja, o ecletismo. *Le Lundi*, por exemplo, em nota aos leitores, se apresentava: “Um jornal, que não é nem naturalista, nem decadente, nem incoerente, nem progressista, nem deliquesciente, pode parecer extraordinário [...] Sem parcialidade, sem distinção de gênero, aceitamos tudo o que nos parecer digno de ser lido”²: os autores se preocupam mais com a qualidade do que é dito do que com a filiação ideológica do texto.

Em 1888, em carta ao amigo e colega Daniel Halévy (que virá a ser escritor e editor), Proust convida: “Je te propose de fonder un journal avec moi [...] un grand journal d’art” (“Te proponho fundar um jornal comigo [...] um grande jornal de arte”³) – a aspiração é manter o ecletismo e melhorar a qualidade do que é lido, assim como ampliar o público leitor.

Le Banquet tem por premissa o mesmo princípio eclético: “Não seremos simbolistas, mas também não seremos tolstoizantes. A amplidão de nosso ecletismo reconciliará nossos temperamentos. Cada um de nós saberá escolher bem, para seus próprios exercícios espirituais, a

¹ Professora do Setor de Francês do ILE-UERJ, pós-doutora pela UFRJ.

² Apud NAKAO, Yukiko. La scène dans la jeunesse de Proust. *Departmental Bulletin Paper*, Kyoto 2001, p. 122-123. <http://repository.kulib.kyoto-u.ac.jp/dspace/handle/2433/137918>. Todas as traduções não referenciadas são minhas.

³ Ibidem, p. 122.

orientação que lhe convier”⁴. Os “exercícios espirituais” consistem em trabalhos de crítica de arte e literatura, além de suas próprias produções literárias, sobretudo poéticas.

Outro aspecto importante do ecletismo desse grupo será a importância dada às literaturas estrangeiras, pois era um de seus objetivos “tornar conhecidas, na França [...] as produções de arte estrangeira mais interessantes e recentes”⁵, o que o leva à publicação de traduções de textos de Ibsen e de filósofos alemães.

Outras revistas possuem esse caráter eclético e aberto à produção artística estrangeira, e uma, em particular, será importante na formação intelectual de Proust: o *Bulletin de l'Union pour l'Action Morale* (BUAM), fundado pelo jornalista Paul Desjardins (ex-professor de Proust e de vários colaboradores da *Revue Blanche*), cuja assinatura Proust vai manter entre 1893 e 1903⁶.

Nela, Proust tem acesso a muitos trechos de autores contemporâneos por meio de traduções (nem sempre assinadas) – inclusive alguns de obras do pensador e esteta britânico John Ruskin (1819-1900), o que terá relevância capital na sua trajetória de escritor. É a leitura desses trechos esparsos que levará Proust a se interessar, justamente, pelo tema da leitura, um dos principais assuntos tratados por Ruskin, e a decidir, quando da morte do esteta, traduzi-lo. Assim, Proust adentra por novas e promissoras veredas – devido às perspectivas tanto do trabalho da tradução quanto da possibilidade do desenvolvimento de suas teses sobre a importância da leitura⁷.

Pois Proust, embora eclético e aberto às múltiplas influências em sua obra crítica, compunha poemas rimados ou em prosa convencionais, além de pequenos contos adequados ao gosto da época, de caráter decadentista e simbolista. Seu desejo de ser lido por um público cada vez mais vasto o leva a reunir sua produção de poemas e contos numa coletânea que intitula *Les Plaisirs et les jours*, que financia pessoalmente e publica em 1896. A edição é luxuosa e repleta de ilustrações de uma artista conhecida à época, Madeleine Lemaire, e será lançada em saraus ao som do piano do amigo Reynaldo Hahn (músico de renome, então). Apesar dos artigos elogiosos de amigos em revistas e jornais, o livro será um grande fracasso de vendas e renderá ao autor, junto à crítica em geral, o estigma de escritor medíocre, diletante e decadentista.

A primeira medida que Proust vai adotar no intuito de tentar apagar esse fracasso e esse estigma será publicar, na *Revue Blanche*, um artigo considerado importante (já na sua época e depois, pelos estudiosos da obra proustiana): “Contre l’obscurité”, no mesmo ano de 1896. Trata-se de um ensaio em que critica o movimento simbolista (e como que renega as influências sobre sua coletânea); de maneira evidente, o autor rompe publicamente com o simbolismo e o decadentismo, e inaugura o texto com a pergunta: “*Êtes-vous de la jeune école?*” (“Você é da nova escola?”⁸). Com esse artigo, Proust se lança em pleno embate artístico e ideológico, num dos diversos avatares da querela entre antigos e modernos, que ressurgiu, recorrentemente, forma e anima cenáculos e cabalas em Paris.

Estabelecendo uma dicotomia entre jovens e velhos (colocando-se ao lado destes), encadeia temas como o talento, a originalidade, a “tradução de imagens” (e de “advérbios intraduzíveis”),

⁴ Ibidem, p.123.

⁵ Ibidem.

⁶ O BUAM (1892-1905) é a publicação da Union pour l’Action Morale (UAM), um dos grandes formadores de opinião da época, de linha spinozista e kantiana; promovia um reformismo social calcado no “espiritualismo republicano” e num “cristianismo laico”, ético; defendia o solidarismo e foi uma das primeiras vozes a se definirem como *dreyfusarde*. A U.A.M. tornou-se Union pour la Vérité (1905-1940).

⁷ Sobre o exame dessa questão, remeto ao meu ensaio de pós-doutorado, *Tradução, leitura e a pátina do tempo. Proust e uma visão de Ruskin*, UFRJ, 2011, 82fls, <http://www.lettras.ufrj.br/pgneolatinas/media/bancoteses/lucianapersiceposdoc.pdf>.

⁸ PROUST, *Chroniques*. Paris: Gallimard, [1927], p.137.

“desejos medíocres” e “leitores de segunda ordem”. Esses temas, não por acaso, são marcadamente ruskinianos – o que revela que Proust vem lendo, de maneira consistente, a obra do esteta inglês. Embora esquecido e ausente dos debates dos intelectuais franceses de hoje, John Ruskin teve um papel de destaque na França da *Belle Époque* e mereceu estudos por parte de críticos franceses desde meados do século XIX. A leitura de Ruskin na França, como ocorre com outros escritores e pensadores estrangeiros, faz dele matéria e pivô de polêmicas no ambiente intelectual e artístico da época⁹.

Proust tem acesso aos ensaios publicados e a trechos de diversas obras de Ruskin que são traduzidos e publicados no *BUAM* – a tradução integral de seus livros havia sido proibida pelo próprio autor. E os temas ruskinianos desenvolvidos em “Contre l’obscurité” reaparecerão ao longo da obra crítica de Proust (e, mais tarde, de sua obra ficcional, onde insere elementos de crítica e teoria), a ponto de o levar a adotar uma segunda medida importante no sentido de reverter sua imagem negativa junto aos seus pares: traduzir títulos de Ruskin.

Hoje, alguns dos grandes nomes da crítica proustiana vêm com espanto a iniciativa de tornar-se (“mero”) tradutor de um escritor de língua inglesa (o que é bastante revelador da incompreensão atual do valor que se atribuía, nesse período, aos tradutores e ao trabalho da tradução, assim como do valor das literaturas estrangeiras em geral, na França). Apenas para citar um dos mais flagrantes exemplos dessa incompreensão, vale lembrar que Bernard de Fallois, um dos organizadores da edição da obra proustiana pela Gallimard (e que, portanto, expressa uma avaliação ou “versão oficial” da editora) escreve, em seu prefácio a *Contre Sainte-Beuve*, que “Ruskin marcava [...] uma regressão [*unrepli*], um trabalho de erudição que o desviava de sua atividade profunda”¹⁰. Nada de mais equivocado: não apenas esse trabalho de erudição e de verdadeiro enciclopedismo formou e informou futuros projetos literários¹¹, como lhe permitiu encontrar uma alternativa ao impasse criativo em que se encontrava: a obra ficcional de Proust estava “profundamente inativa”.

Em 1895, enquanto ainda lutava com as dificuldades editoriais relativas a *Les Plaisirs et les jours*, Proust começou a escrever seu segundo título ficcional, *Jean Santeuil* (romance de caráter fragmentário, que permaneceu inacabado, só publicado postumamente). Três anos depois, Proust dirá, sobre esse projeto, em carta à amiga Marie Nordlinger: “Je travaille depuis très longtemps à un ouvrage de très longue haleine, mais sans rien achever. Il y a des moments où je me demande si je ne ressemble pas au mari de Dorothée Brook dans *Middlemarch* et si je n’amasse pas des ruines” (“Trabalho, há tempos, numa obra de vulto, mas em vão. Por vezes, pergunto-me se não

⁹ Por exemplo: Ruskin cria polêmica e aufere destaque ao se opor ao arquiteto e teórico Viollet-le-Duc (1814-1879), e à política de preservação do patrimônio que prevalecerá na tradição arquitetônica francesa ao longo do século XIX. Contrariamente aos postulados do chamado “ruinismo” ruskiniano, a escola francesa atua e interfere nos monumentos antigos, restaurando-os segundo a interpretação contemporânea. Outra polêmica, mais recente e pontual, opõe Ruskin ao pintor norte-americano James Whistler no famoso (à época) “Processo de Whistler contra Ruskin”. Ruskin dissera que o quadro de Whistler “Nocturne in Black and Gold: The Falling Rocket”(1874) era um embuste. Quatro anos depois, Whistler processa, e vence, Ruskin por difamação. O processo é descrito por La Sizeranne em *La Peinture anglaise* (1895), e o caso entusiasma os debates nos salões. Proust menciona esse processo em sua obra ficcional, já em *Jean Santeuil* (no fragmento “La Première de Frédégonde”, PROUST, 1971, p.678, e, depois, na *Recherche*), o que revela que as leituras sobre Ruskin já influenciam a escritura da ficção.

¹⁰ PROUST, Marcel. *Contre Sainte Beuve*. Paris: Gallimard (1954) 1994, p.16; grifo meu.

¹¹ *Contre Sainte-Beuve* (publicado postumamente), que começa em 1907 e abandona em 1909, em proveito do início de *A la Recherche du Temps Perdu*, que será editado entre 1913 e 1927 (os volumes póstumos são revistos e organizados pelo irmão de Proust e pelos editores).

pareço com o marido de Dorothea Brook em *Middlemarch*, e se não estou colecionando ruínas”¹². A menção a “ruínas” indica o novo interesse de Proust: os textos de Ruskin (que versam, insistentemente, sobre questões e aspectos relativos aos patrimônios históricos e arquitetônicos).

Incapaz de terminar *Jean Santeuil*, insatisfeito com sua escritura, Proust serve-se de Ruskin, que vinha atraindo sua atenção e interesse de maneira privilegiada. Esse fato fica evidente numa de suas cartas: “j’ai enfin trouvé, lu et aimé *Les Sept Lampes de l’Architecture*, de Ruskin, dans la *Revue générale*” (“finalmente, encontrei, li e gostei de *Les Sept Lampes de l’Architecture*, de Ruskin, na *Revue générale*”; carta ao amigo e pintor Pierre de Chevilly¹³). Proust erra, e troca os nomes do livro e do capítulo – incompleto – transformado em artigo nessa revista, e descoberto na Biblioteca Nacional de Paris. Portanto, ele o estivera buscando (o artigo foi publicado três anos antes)¹⁴. Essa revista é belga (o tradutor, Olivier Georges Destrée, é um escritor também belga), e devia ter pequena circulação na França.

A decisão de empreender essa tradução parece dever-se, por um lado, ao entusiasmo genuíno de Proust pela obra de Ruskin; por outro, pela oportunidade editorial de vir a publicá-la, pois, em 1900, morre o esteta polêmico, e espolcam trabalhos, ensaios e traduções de suas obras na França – estas haviam sido proibidas pelo autor, em vida; com sua morte, cai o interdito e inicia-se uma corrida editorial¹⁵. E Proust vai traduzir dois títulos de John Ruskin: *La Bible d’Amiens*, 1904, e *Sésame et les lys*, 1906.

Porém, por ser, entre outras coisas, reformador socialista e moralista, os escritos de Ruskin sofrem resistência por parte de certos setores da intelectualidade francesa. Um artigo de Charles Maurras sobre a tradução de *Sésame et les Lys* expressa essa resistência:

Já que John Ruskin está na moda, o Sr. Marcel Proust tem toda a razão de traduzir Ruskin. Depois da *Bible d’Amiens*, [...] [ele] acaba de verter para o francês *Sésame et les Lys*. Com símbolos e figuras, à maneira dos pré-rafaelitas, não se trata, de maneira alguma, de um livro inócuo. Parece que o verdadeiro caráter de Ruskin foi alterado, na França, pelo excesso de delicadeza e elegância com o qual nos foi apresentado [...] Os senhores de La Sizeranne, Jacques Bardoux, Marcel Proust, são pessoas amáveis e dóceis. Fizeram um Ruskin à sua própria imagem [...] [mas Ruskin] foi *um dos mais ásperos censores de seu tempo*”.¹⁶

¹² Alusão ao personagem de George Eliot que pretendia fazer uma obra literária totalizante, enciclopédica, mas que não conseguia escrevê-la. [5/12/1899], *Corr. II*: 376. As referências à *Correspondance* de Proust virão com essa abreviatura seguida dos números do volume e da página.

¹³ [13/10/1899], *Corr. II*: 367.

¹⁴ Nele, Ruskin fala (entre outros assuntos correlatos ou não, como era de seu feitio) do valor da ação do tempo sobre as construções arquitetônicas: as manchas e a corrosão, decorrência e registro da passagem do tempo, são consideradas como elementos que conferem beleza e poesia à pedra. Esse capítulo condensa o que será defendido ao longo de todo o livro (e não somente deste): o ruïnismo, ou o elogio da ruína, que se traduz pela aceitação do fim previsível de todas as coisas.

¹⁵ Na verdade, de acordo com o especialista Philip Kolb, que publicou a série das *Correspondances*, Proust teria começado a esboçar uma tradução já em outubro de 1899, segundo informação acrescida em nota a uma carta de Proust para o diretor da revista *Renaissance Latine*, que acabara de publicar um trecho inédito da *Bible d’Amiens*, *Corr. III*: 220). Acredito, porém, que o projeto concreto de publicar uma tradução se inicie apenas depois da morte de Ruskin, mas isso é especulação.

¹⁶ O grifo é meu. Trecho transcrito por Kolb em nota a carta de Proust a Souday, [03/07/1906], sobre resenha de Maurras na *Gazette de France*. *Corr. VI*: 141-142.

Aqui, Proust não é visto como diletante, mas como alguém “dócil” que “altera” ou deforma o “ácido censor” moralista que é Ruskin, segundo Maurras, para torna-lo palatável ao leitor francês, segundo o seu gosto “delicado e elegante”. Não são apenas os três tradutores e ensaístas – La Sizeranne, Bardoux e Proust – que estão sendo criticados nesse artigo, é toda uma política editorial que vinha incentivando a difusão da obra de Ruskin na França.

De um ponto de vista mais abrangente, tanto a política editorial quanto o interesse específico por Ruskin (o fato dele “estar na moda”) inserem-se no quadro de um dos combates travados no seio da intelectualidade francesa. Esse combate traduz a busca da identidade artística e literária nacional, deflagrada a partir da Revolução Francesa e que se estende por todo o século XIX: de um lado, os defensores do classicismo francês, e de sua decantada “clareza” de estilo; de outro, os românticos e seus derivados, advogados da elaboração de novas formas de expressão, e que as buscam, inclusive, nos grandes nomes das culturas germânica e anglo-saxã. O interesse por escritores estrangeiros e por sua tradução ganha prestígio, e a obra de Ruskin passa a ter um significado estratégico nesse contexto.

Bardoux escrevera um ensaio sobre Ruskin com trechos traduzidos de diversas obras sobre arte, *John Ruskin. Le mouvement idéaliste et social dans la littérature anglaise au XIX^e siècle* (1900; reeditado em 1901); Robert de La Sizeranne publicara *La peinture anglaise contemporaine* (1895), onde Ruskin tem destaque, e *Ruskin et la religion de la beauté*, primeiro, como uma série de quatro artigos homônimos, na *Revue des Deux Mondes*, entre 1895 e 1897, e, em seguida, reunindo os quatro artigos sob a forma de livro (1897). É de La Sizeranne o epíteto com o qual Ruskin passou a ser conhecido na França: “le Maître de Beauté”, o “Mestre de Beleza”¹⁷.

Proust passou doze anos (1895-1906) dedicando esforços de leitura e tradução aos textos de Ruskin. Ele não seguiu um mero fenômeno de moda. Lançou-se num prolífico e proveitoso filão que lhe permitiria ser lido com novos olhos – o que, de fato, ocorrerá. Além dos livros traduzidos, propriamente ditos, Proust pôde, ao longo dos seis anos em que empreendeu esforços de tradução (1900-1906) fazer publicar inúmeros artigos que constituíram os *avant-textes* (ante-textos) dos livros: prefácios, posfácios, e matérias para jornais (que serão editados no interior dos livros traduzidos; o mais importante desses textos é o prefácio a *Sésame et les Lys*, intitulado “Sur la lecture”)¹⁸.

Mas, para tornar-se uma “autoridade” em Ruskin, e assumir uma voz de peso no cenário artístico e intelectual, Proust vai ter que penetrar no domínio já consolidado de Robert de La Sizeranne, e lançar-se como seu “rival”. Ingrata tarefa.

¹⁷ Proust não cita o ensaio de Bardoux por ocasião da publicação de suas traduções, mas inclui uma referência a ele na reedição de parte de seus comentários às traduções em *Pastiches e mélanges*, 1919). Proust cita, porém, de Henriette Brunhes, *Ruskin et la Bible. Pour servir à l'histoire d'une pensée* (1901; cita apenas a autora, não o título), e comenta o famoso e incontornável (à época) título de La Sizeranne. Há mais dois ensaios sobre Ruskin disponíveis a Proust, mas que ele sequer menciona: *Ruskin et la Femme* (de G-F Hue, prefácio de La Sizeranne, 1901) e *Canon de Turner* (sobre as teses picturais de Ruskin, de Christian Cherfils, 1906). Títulos de Ruskin já publicados em francês até a edição das traduções de Proust são: *Le Roi de la rivière d'or* (tradução de Richard Doyle, em 1855 – antes, portanto, do interdito de publicação imposto pelo esteta), *Les Sept Lampes de l'Architecture* (traduzido por George Elwall, 1900), *La Couronne d'olivier sauvage* (tradutor: George Elwall, 1900; há edições que reúnem estes dois últimos títulos); e *Unto This Last. Quatre essais sur les premiers principes d'économie politique* (tradução do abade E. Peltier, em 1902; introdução de Henriette Brunhes).

¹⁸ Publicado um ano antes do livro na revista *Les Arts de la vie*, e que vai marcar a consagração do ensaísta Proust, e o sucesso da empreitada pela reversão de sua imagem. Ao final do percurso dos trabalhos de tradução, Proust será reconhecido como especialista em Ruskin, mas, também, como bom escritor: serão muitos os elogios, na imprensa, ao tom poético das páginas de “Sur la lecture” (que se reconhecerão, mais tarde, entre as de “Combray”, no primeiro tomo da *Recherche*).

Robert de La Sizeranne (1866-1932) começara a publicar textos sobre Ruskin em 1895 (quando Proust apenas começava a ler textos do esteta): seu livro *La Peinture anglaise contemporaine*, recebeu o Prix Bordin (prêmio de literatura e filosofia da Academia Francesa) de 1896 (ao passo que Proust sofria com o descrédito decorrente do fiasco de seu *Les Plaisirs et les jours*), e o primeiro dos quatro artigos (*Ruskin et la religion de la beauté I, II, III e IV*) que sairão na *Revue des Deux Mondes*, na qual colabora regularmente como crítico de arte, artigos esses que serão reunidos em livro homônimo em 1897¹⁹ (essa revista, fundada em 1829 e ainda atuante nos dias de hoje, possuía prestígio ímpar²⁰). Em 1904, lança um livro com ensaios sobre estética, *Questions esthétiques contemporaines* (enquanto Proust lança a tradução de *La Bible d'Amiens*, e insere elementos de ensaio nos *avant-textes* do texto traduzido e, como se verá, nas notas a este), e, em 1905, dá uma conferência, em inglês, em Veneza, no Palácio dos Doges, diante dos reis de Itália e de membros do Congresso Nacional de História da Arte, intitulada “Ruskin at Venice” (no ano em que Proust edita seu ensaio-tese “Sur la lecture” – que lhe rende elogios, como foi dito, mas que não consegue evitar as persistentes críticas aos erros de tradução e ao seu notório desconhecimento da língua inglesa)²¹.

Essa rivalidade, porém, passa a se declarar a partir do momento em que Proust concebe um projeto de tradução definido. Antes, nos primeiros meses de seus estudos mais sérios da obra de Ruskin, ainda é leitor admirativo do trabalho de La Sizeranne: em 1899, durante uma curta viagem à Suíça, Proust pede à mãe que lhe envie “le livre de la Sizeranne sur Ruskin s’il est dans ma bibliothèque pour voir les montagnes avec les yeux de ce grand homme” (“o livro de La Sizeranne sobre Ruskin, se ele estiver na minha estante, para ver as montanhas com os olhos desse grande homem”²²). Dois meses depois, a um amigo, além de pedir ajuda com seus problemas de inglês, cita Ruskin por meio, sobretudo, de seu conhecimento do livro de La Sizeranne, ao grafar com maiúsculas: “Je ne vais nullepart et mon temps est affranchi de toute obligation mondaine. Il n’est retenu que par la maladie [...] et par le Désir de la Beauté et la Recherche de la Vérité qui la lui disputent” (“Não vou a lugar algum e meu tempo está totalmente livre de obrigações mundanas. Atém-se apenas à doença [...] e ao Desejo de Beleza e à Busca da Verdade, que o disputam entre si”; carta a Douglas Ainslie²³).

Esse leitor admirativo, que cita La Sizeranne enquanto esboça sua primeira tradução, vai ceder lugar, três meses depois, ao correspondente irônico e/ou estrategista. Assim que se anuncia a morte de Ruskin,

¹⁹ Esses textos são acessíveis por internet: SIZERANNE, Robert de la. *Ruskin ou la religion de la beauté*. [Paris: Hachette, 1897] http://fr.wikisource.org/wiki/Ruskin_et_la_religion_de_la_beaut%C3%A9; e *Ruskin ou la religion de la beauté* (I). [*La Revue des Deux mondes*, t. 132, 1895] [http://fr.wikisource.org/wiki/John_Ruskin_et_la_religion_de_la_beaut%C3%A9_\(Revue_des_Deux_Mondes\)](http://fr.wikisource.org/wiki/John_Ruskin_et_la_religion_de_la_beaut%C3%A9_(Revue_des_Deux_Mondes)).

²⁰ Um estudo de Ricardo Mendes, “Pensamento crítico em fotografia no Brasil (1890-1930): a presença da obra de Robert de La Sizeranne”, 20pgs, www.fotoplus.com/download/2013-mendes-sezeranne.pdf, analisa a importância dos artigos sobre fotografia de La Sizeranne (o primeiro sendo de 1893) no Brasil, justamente devido à presença da *Revue des Deux Mondes* em grandes bibliotecas brasileiras.

²¹ É sabido que Proust não traduziu sozinho *La Bible d'Amiens* e *Sésame et les Lys*. Seus parcos conhecimentos da língua inglesa levaram-no a depender, primeiramente, do auxílio da mãe, que fazia uma versão inicial literal dos textos. A amiga Marie Nordlinger também traduziu longos trechos, mas parece não ter querido qualquer menção à sua colaboração no momento das publicações. Proust agradece, em seu prefácio a *La Bible d'Amiens*, o auxílio “pontual” do amigo Robert d’Humières (tradutor de Kipling), e o de Nordlinger, no prefácio a *Sésame et les Lys*. Quanto ao desconhecimento da língua inglesa, haverá, já a partir da edição da *Bible d'Amiens*, críticas ferrenhas em vários artigos da imprensa.

²² 02 out. 1899, *Corr. II*: 357.

²³ [dez. 1899], *Corr. II*: 378-379.

Proust passa a publicar estudos e ensaios em jornais. E eles já estão enxertados de trechos que traduziu, das mais diversas obras do inglês. A primeira carta de relevância nesse contexto é a seguinte:

J'ai reçu une lettre d'un Monsieur anglais à qui vous aviez envoyé mes articles sur Ruskin ["Ruskin à Notre-Dame d'Amiens" et "John Ruskin"] [...] Votre ami me signale un contresens dans la traduction d'un passage de la *Bible d'Amiens* [...] Vous m'aviez dit qu'il existait à votre connaissance diverses traductions inédites de Ruskin. Savez-vous si parmi elles se trouve la traduction des *Pierres de Venise*? J'ai intention d'aller à Venise et [...] ce serait un grand repos pour moi que de lire sur place les *Pierres de Venise* en français. Naturellement si j'avais à traduire les *Pierres de Venise* je ne pourrais pas en lire une traduction qui ne ferait que me gêner. Mais les *Pierres de Venise* ne rentrant pas dans les ouvrages que je dois traduire, je n'aurais aucun scrupule à les lire.²⁴

Recebi a carta de um Senhor inglês a quem o senhor havia enviado meus artigos sobre Ruskin [...] O seu amigo me assinalou um contrassenso na tradução de uma passagem da *Bible d'Amiens* [...] O senhor me havia dito que existiam, de seu conhecimento, diversas traduções inéditas de Ruskin. Saberá se, entre elas, encontra-se a tradução de *Les Pierres de Venise*? Tenho a intenção de ir a Veneza e [...] seria um grande repouso para mim ler, *in loco*, *Les Pierres de Venise* em Francês. Naturalmente, se eu tivesse que traduzir [este livro], eu não poderia ler uma tradução, que só me atrapalharia. Mas como [ele] não está entre as obras que devo traduzir, eu não teria qualquer escrúpulo em ler.

Vê-se que o fluxo da correspondência entre os dois já vinha se desenvolvendo, pois há referência a uma troca epistolar anterior, sobre traduções inéditas de Ruskin de que La Sizeranne teria conhecimento e de que teria falado a Proust. Aparentemente, e é o que se constata no exame da correspondência entre Proust e seus editores, *The Stones of Venice*, de fato, não figurava entre os títulos que Proust deveria traduzir. E ele, realmente, foi a Veneza, e leu este livro, ou antes, ouviu sua leitura (pois viajou com a mãe e a amiga Marie Nordlinger – as duas mulheres que o ajudariam com suas traduções). Nessa carta, Proust assinala uma crítica à qualidade linguística de sua tradução (crítica que vai pulular nos jornais), mas, sobretudo, sonda La Sizeranne sobre a existência de uma tradução do título em questão já pronta ou em vias de se preparar, evitando embaraços ao seu editor (que lhe encomendara essa sondagem). Complementarmente, e de maneira enfiada, Proust faz referência a outro título de Ruskin que deveria ser traduzido em breve, *Saint Mark's Rest (Le Repos de Saint Marc)*, ao usar a palavra "repos", com relação a Veneza. Parece que Proust lança indícios quanto à possibilidade de ele vir a fazer uma tradução completa (o que, até então, não estava claro para o público, pois ele apenas escrevia ensaios enxertados de trechos traduzidos). Começa, assim, uma série de alusões e ironias, que chegarão, eventualmente, às raias do deboche.

Essa série evolui, dois anos mais tarde, de forma ainda branda, quando Proust agradece a La Sizeranne o envio de um livro seu: "Je vous remercie de m'avoir envoyé ce livre [...] j'ai lu la merveilleuse tapisserie à l'endroit et à l'envers [...] j'ai admiré aussi que l'aristocratique écrivain

²⁴ Carta a La Sizeranne, [abr. 1900], *Corr.* XX: 587.

que vous êtes se soit fait ouvrier de cathédrales, d'une Bible si parlante à tous" ("Agradeço-lhe por me haver enviado esse livro [...] li a maravilhosa tapeçaria no lado direito e no avesso [...] admirei, também, que o escritor aristocrático, que o senhor é, se tenha feito operário de catedrais, de uma Bíblia que fala a todos"²⁵) – aqui, Proust remete ao próprio trabalho, em pleno andamento, a tradução de *La Bible d'Amiens*, de maneira tão evasiva quanto fizera a propósito de *Le Repos de Saint Marc*. Só que, dessa vez, alude a um projeto efetivo.

Um ano mais tarde, na resenha nada elogiosa que escreve sobre *John Ruskin, sa vie et son oeuvre*, de Marie de Bunsen, Proust será irônico com a autora e, aproveitando o ensejo, com La Sizeranne: "Et si un jour, quelque jeune Français présomptueux et bien loin d'avoir l'admirable talent de l'auteur de *La Religion de beauté* s'aventurait à traduire en français une oeuvre de Ruskin, Mlle de Bunsen aurait beau jeu à lui retourner une aussi vaine et dérisoire critique" ("E, se um dia, algum jovem francês presunçoso e bem longe de ter o admirável talento do autor de *La Religion de beauté*, se aventurar a traduzir para o francês uma obra de Ruskin, a senhorita Bunsen terá toda razão de lhe retribuir uma crítica tão vã e irrisória"²⁶). A menção a La Sizeranne e à sua imagem junto à crítica, em contraponto com a de um hipotético tradutor "presunçoso" – ele mesmo – instala a ideia de uma rivalidade que se engendra, e que virá à tona para o público apenas um ano mais tarde, quando da publicação do texto integral da *Bible d'Amiens*. É como se Proust desejasse criar esse contraponto, essa dicotomia entre dois nomes que disputam o direito de traduzir Ruskin. É uma das maneiras de se projetar no mercado editorial e em meio às discussões sobre a obra do esteta britânico e as repercussões de suas traduções no meio artístico e acadêmico.

A rivalidade ou polêmica quanto a quem seria o melhor tradutor de Ruskin à época parece ter ocupado o interesse de Proust durante algum tempo. Mas o melhor tradutor, para Proust, é, essencialmente, o melhor ensaísta. Pois assim é a tradução de Proust: uma intrincada rede de comentários e remissões a outros textos, de Ruskin ou não, articulada nas inúmeras notas de rodapé construindo o que ele vai definir, no intróito ("*avant-propos*") da *Bible d'Amiens*, como a formação de uma "memória improvisada"²⁷.

Proust realiza o que considera ser a "tarefa de todo crítico": permitir que o leitor seja "impressionado" pelos traços singulares da obra de um escritor. Essa impressão só ocorre pelo destaque do que há de repetitivo e recorrente ao longo da obra do autor estudado. Assim, Proust justifica suas inúmeras notas, remissões e citações a outros títulos, pois pretende proporcionar ao leitor uma "memória improvisada" da obra como um todo, suscitando "ecos fraternais" – numa hermenêutica que busca, no interior do conjunto da obra ruskiniana, o sentido do texto (método contrário ao de Sainte-Beuve, que o busca na biografia do autor). Essa malha erudita de referências chegará a ser uma maneira de Proust rivalizar com o próprio Ruskin – mas esse é outro aspecto da tradução proustiana.

O livro de Ruskin será precedido e seguido de textos críticos – que foram reeditados em separado (permanecendo, assim, de conhecimento do público). Porém, Proust fará suas importantes notas de pé de página, que só voltaram a ser conhecidas recentemente do público leitor (os dois títulos traduzidos por Proust só foram integralmente reeditados recentemente, em 2014, pela editora Arvensa). Essas notas, grandemente desconhecidas do público, possuem pérolas

²⁵ [meados de 1902], *Corr.* XXI: 588.

²⁶ PROUST, Marcel. *Jean Santeuil*. Paris: Gallimard, 1971, p.456

²⁷ In RUSKIN, John. *La Bible d'Amiens*. Livre Electronique de Project Gutenberg, Canada, [1904]. Acesso: www.gutenberg.ca/.../proustrusk.../proustrusk.../proustrusk-amiens-00h.html. Acesso em: 01 dez. 2010, s/p. Todas as citações a esse volume virão sem referência à página, pois foi usado o livro eletrônico.

de crítica, e muitas alfinetadas a La Sizeranne. O que quer dizer que, em 1904, ano da edição de sua primeira tradução, Proust declara guerra ao seu rival, às margens do texto de Ruskin.

Em “John Ruskin”, um dos artigos que compõem, portanto, o livro traduzido, Proust vai, sobretudo, combater a visão de que Ruskin era um diletante, que se deve em grande parte, na França, ao ensaio de La Sizeranne, *Ruskin ou la religion de la beauté*.

Primeiramente, Proust dedica duas notas inteiramente a um ataque direto ao ensaio de La Sizeranne. Na nota 30, que tem por resumo “O Ruskin do Senhor de la Sizeranne”, lembrando, portanto, que há outros (pelo menos outro Ruskin, o “de Proust”), lê-se a denúncia ao que considera o “domínio”, como que territorial, ou feudo estabelecido pelo ensaísta consagrado:

Le Ruskin de M. de la Sizeranne. Ruskin a été considéré jusqu'à ce jour, et à juste titre, comme le domaine propre de M. de la Sizeranne et, si j'essaye parfois de m'aventurer sur ses terres, ce ne sera certes pas pour méconnaître ou pour usurper son droit qui n'est pas que celui du premier occupant. Au moment d'entrer dans ce sujet que le monument magnifique qu'il a élevé à Ruskin domine de toute part je lui devais ainsi rendre hommage et payer tribut.

O Ruskin do Senhor de la Sizeranne. Ruskin foi considerado até o presente dia, e a justo título, como o domínio pessoal do Senhor de la Sizeranne e, se tento, por vezes, aventurar-me em suas terras, não haverá de ser por desconhecer ou usurpar seu direito, que não é apenas o do primeiro ocupante. No momento de entrar nesse assunto, em que o monumento magnífico que ele erigiu a Ruskin domina integralmente, eu lhe deveria render homenagem e pagar tributo.

Na nota 31, a crítica é ainda mais clara, em meio a um comentário a outros ensaios já editados sobre Ruskin:

Le bel effort de M. Bardoux ne m'empêche pas de penser que le livre de M. de la Sizeranne était trop parfait dans les limites que l'auteur s'était à lui-même tracées pour avoir rien à perdre de cette concurrence et de cette émulation qui semble se produire sur le terrain de Ruskin [...] MM. Bardoux et Brunhes ont déplacé le point de vue et par là renouvelé l'horizon. C'est, toutes proportions gardées, ce que j'avais, un peu avant, essayé de faire ici même.

O belo esforço do Senhor Bardoux não me impede de pensar que o livro do Senhor de la Sizeranne era perfeito demais, dentro dos limites que o autor se impôs, para ter algo a perder com essa concorrência e essa emulação, que parece se produzir no terreno de Ruskin [...] Os senhores Bardoux e Brunhes deslocaram o ponto de vista e, assim, renovaram o horizonte. Foi o que eu, guardadas as devidas proporções, havia tentado fazer, aqui mesmo, um pouco antes.

O livro de La Sizeranne é qualificado como “perfeito demais” e limitado, a um só tempo, o que é, evidentemente, da ordem da ironia. O essencial da disputa aqui travada contra a maior autoridade sobre Ruskin da época concentra-se na questão da beleza como sendo o eixo da

“religião de Ruskin”. Proust diz que não quer contradizer o “sistema de M. de la Sizeranne”, mas que ele poderia ser “rabaisé dans l’esprit des lecteurs par une interprétation fausse” (“diminuído no espírito dos leitores por uma interpretação falsa”). Para corrigir qualquer erro de interpretação por parte do leitor, sentencia: “la principale religion de Ruskin fut la religion tout court” (“a principal religião de Ruskin foi simplesmente, a religião”): o sentimento religioso de Ruskin é o “centro de gravidade da estética ruskiniana”, e determina o seu sentimento estético, que é “profundo” e “original”, e o impede, “au contraire de ce qu’on a souvent pensé, de mêler jamais à ses impressions devant les œuvres d’art aucun artifice de raisonnement qui leur fût étranger. De sorte que ceux qui voient en lui un moraliste et un apôtre aimant dans l’art ce qui n’est pas l’art, se trompent” ([o sentimento religioso o impede] “ao contrário do que se andou pensando, de misturar, às suas impressões diante das obras de arte, algum artifício de raciocínio que lhes fosse estranho. De forma que se enganam aqueles que vêm nele um moralista e um apóstolo que gosta, na arte, do que não é arte,”).

Parece claro que “ce qu’on a souvent pensé” refere-se ao que La Sizeranne pensa, e Proust vai reverter o raciocínio de seu rival e dizer, justamente, que Ruskin “est très loin d’avoir été un dilettante ou un esthète” (“está longe de ter sido um diletante ou um esteta”) – sendo essa a principal ideia defendida por Proust, nesse momento dos debates sobre Ruskin.

Parece-me que tão interessante para Proust quanto manter-se no centro de um embate intelectual que lhe permitiria adquirir outra estatura junto a seus pares, tenha lhe parecido a oportunidade de, por meio de seus estudos e tradução, manifestar, e chegar a impor, a sua própria visão – que é uma tradução-interpretação – da obra de Ruskin, num duelo de visões (com La Sizeranne) do esteta inglês.

Não há registro, na correspondência de Proust, de qualquer retaliação por parte de La Sizeranne aos comentários publicados em sua tradução. Dois anos mais tarde, depois da publicação de *Sésame et les Lys*, os dois vão voltar a se escrever por conta do projeto da Mercure de France, a editora de Proust, de publicar um volume de *Pages Choisies*. E Proust, por princípio, detestava a ideia de uma coletânea de trechos escolhidos, porque vai de encontro ao que ele defendeu ao criar o seu conceito de “memória improvisada”, ou seja, levar o leitor a fazer suas próprias leituras e a chegar às suas próprias conclusões.

Por isso, ao ficar sabendo que La Sizeranne pretendia fazer uma tal publicação, para outra editora, Proust aproveita a ocasião para explicar ao rival que ele não tem intenção de levar adiante o projeto de sua editora, mas que ela o incumbira de descobrir como seriam as *Pages Choisies* de La Sizeranne: “Demandez à Monsieur de la Sizeranne, me disent-ils, si son édition sera une édition à 3fr,50, comme la nôtre. Et si ces *Pages Choisies* obéiront à quelque principe particulier de sélection, ou seront conçues dans l’esprit le plus large” (“Pergunte ao Senhor de la Sizeranne, pediram-me, se sua edição será a 3F50, como a nossa. E se as Páginas Escolhidas vão obedecer a algum princípio particular de seleção, ou se serão concebidas dentro de um espírito mais amplo”²⁸).

Ele explica, então, que a Mercure só aceitara traduzir *La Bible d’Amiens* e *Sésame et les Lys* mediante sua promessa de fazer as *Pages Choisies*. E que, agora, ele pretendia se desincumbir de tal encargo. Por isso, ele explica (na mesma carta):

Vous ne doutez pas n’est-ce pas que si je m’efface immédiatement devant vous ce n’est pas du tout parce que je commence seulement mon travail et que le vôtre est déjà avancé [...] Je doute que ce qui leur plairait

²⁸ Carta a La Sizeranne; [depois de 05 jun. 1906]. *Corr.* XXI: 608-609.

infiniment, ce serait que vous leur donniez vos *Pages Choisies*[...] Je suis bien touché de ce que vous voulez bien me dire de trop bienveillant sur ma préface et mes notes [à *Sesame*].²⁹

O Senhor deve saber, não é?, que, se me apago imediatamente diante de si, não é por eu estar apenas começando o meu trabalho e o seu já se encontrar em estado bem avançado[...] Creio que o que agradaria [aos editores], infinitamente, seria que o senhor lhes desse as suas *Pages Choisies*[...] Fico comovido com a gentileza de suas palavras sobre o meu prefácio e minhas notas [a *Sésame*].

Diante da resistência de Proust ao projeto e, provavelmente, da existência de uma edição já em vias de preparação por parte da concorrência, os editores da Mercure desistem de suas *Pages Choisies*. Proust anuncia a decisão ao rival, fazendo, não sem cinismo, o seguinte comentário: “Car d’entrer en concurrence avec vous, je n’en voulais assumer ni l’odieux ni le ridicule [...] Toute cette correspondance n’a pas été inutile, c’est ma consolation, puisqu’elle a évité le plus absurde – et le plus involontaire – des ‘conflits’” (“Pois eu não gostaria de assumir nem o odioso nem o ridículo de entrar em concorrência com o senhor [...] Toda essa correspondência não terá sido inútil, é o que me consola, pois ela evitou o mais absurdo – e o mais involuntário – dos ‘conflitos’”³⁰). Nem ridículo, nem odioso, nem absurdo, e muito menos involuntário: esse conflito projetado por Proust serviu aos seus propósitos, inclusive para poder se livrar da corveia da edição indesejada.

E as *Pages Choisies* organizadas por La Sizeranne serão finalmente editadas pela editora Hachette em 1908. De acordo com nota de Kolb à carta acima, nesse ano, Proust recebe um exemplar autografado dizendo “A l’excellent traducteur de ‘Sésame’ et de la ‘Bible d’Amiens’ j’envoie ce travail d’insecte” (“Ao excelente tradutor de ‘Sésame’ e da ‘Bible d’Amiens’, envio esse trabalho de inseto”³¹). Reconhecendo, com sinceridade ou não, as qualidades de tradutor de Proust, La Sizeranne, ao colocar *Sésame* antes de *La Bible d’Amiens*, talvez esteja, de fato, elogiando a qualidade do trabalho de teoria e crítica que Proust desenvolve no seu prefácio, “Sur la lecture” – elogiado agora (indiretamente) e em 1906, como se constatou.

Aliás, essas *Pages Choisies* são compostas de trechos de livros já traduzidos para o francês, sobretudo a partir de 1906 (os mais recentes e suscetíveis de atrair o interesse do leitor, segundo certa perspectiva), inclusive de *Sésame*.

Quanto à rivalidade, ela não será escamoteada nas cartas de Proust com outros correspondentes. Por exemplo, em carta a Robert Dreyfus, elogia sua escolha de assunto abordado em ensaio, e comenta que “tu as créé ton sujet [...] personne n’y avait songé, [mais] moi j’ai pris Rusin à la Sizeranne, à combien d’autres, à la Célébrité” (“você criou o seu tema [...] ninguém tinha pensado nele, [mas] eu, eu tomei Ruskin a la Sizeranne, a tantos outros, à Fama”³²). Proust assume a rivalidade com La Sizeranne e com os demais “ruskinianos”, com a própria celebridade, a fim de poder obtê-la.

Em carta ao amigo Robert de Billy, Proust tranquiliza seu correspondente dizendo que o boato de que ele traduziria *Praeterita* (a autobiografia de Ruskin), era infundado, e que ele renunciaria, de bom grado, em prol de seu amigo, assim como fizera com relação às *Pages*

²⁹ *Corr. XXI*: 609-610.

³⁰ Carta a La Sizeranne de [jun. 1906], *Corr. XXI*: 612.

³¹ *Corr. XXI*, p.610.

³² [29 jan. 1908], *Corr. VIII*: 36.

Choisies, junto a La Sizeranne³³ (acessoriamente, critica o fato de que as notas de pé de página em *Les Matins de Florence*, 1908, prefácio de La Sizeranne, não foram feitas pelo próprio tradutor, e sim por dez comentaristas diferentes – o que demonstra o valor que ele atribuía às notas de tradução, suas e de outrem).

Muito mais tarde (em 1917, ano em que receberia o Prix Goncourt pelo segundo tomo da *Recherche*), em carta ao diretor de teatro Jacques Hébertot, Proust reinterpreta o período em que a rivalidade com La Sizeranne fora importante para ele, e elucubra:

J'avais fait un recueil de ces pages [*Pages Choisies*], mais je l'ai détruit à la prière, ou plutôt sur l'injonction – car c'est plutôt sa manière – de M. de La Sizeranne qui avait fait lui-même un recueil de ce genre non encore publié alors et ne voulait pas se laisser "damer le pion". Je me suis fait un cas de conscience[...] obéir à quelqu'un que je ne tiens nullement pour un maître, mais qui, en ce qui concerne Ruskin tout au moins, était pour moi un ancien avec qui je tenais à garder mes distances, les distances qui sans aucune fausse humilité de ma part, sont très grandes.³⁴

Eu havia feito uma coletânea dessas páginas [escolhidas], mas a destruí a pedido, ou antes, por injunção – pois é essa a sua maneira de fazer – do Senhor de La Sizeranne, que havia, ele próprio, feito uma coletânea desse gênero, ainda não publicada naquele momento, e que não queria perder a primazia. Fiz questão [...] de obedecer a alguém que não considero, de maneira alguma, como um mestre, mas que, no que concerne a Ruskin, ao menos, era, para mim, um dos antigos, de quem eu queria manter distância, distância que, sem qualquer falsa modéstia de minha parte, é muito grande.

"Ancien"? Idoso ou de alguma velha guarda? Não, o adjetivo se aplica mal (La Sizeranne era somente seis anos mais velho que Proust). Como se pôde ler nos trechos da correspondência citada ao longo desse artigo, essa versão do episódio "páginas escolhidas" (que encerrou oficialmente a carreira de Proust como tradutor) não confere com o ocorrido dez anos antes. Aliás, as múltiplas solicitações e apelos de Proust permitem imaginar que ele tentou uma aproximação, mas que La Sizeranne, que já desfrutava de prestígio e renome, não respondeu à sua expectativa. O conjunto fragmentário e lacunar das cartas, porém, não permite desenvolver outros argumentos nesse sentido.

A partir do dito episódio (1908), La Sizeranne vai continuar sua carreira centrada em questões de interesse estético que mobilizavam os críticos e teóricos da época, escrevendo alguns livros, mas, sobretudo, artigos (sempre na *Revue des Deux Mondes*) sobre fotografia, pintura, arte decorativa, modernidade, salões e exposições, tendo por filão temático recorrente a arte inglesa. Enquanto isso, Proust envereda por uma nova aventura escritural – que, essa sim, vai lhe trazer prestígio e renome. É em torno desse período que Proust vai abandonar os racunhos de *Contre Sainte-Beuve* (que começara depois do término de sua segunda tradução) e começar a redação de *A la Recherche du Temps Perdu*.

A rivalidade entre os dois especialistas em Ruskin, portanto, que se lê nas cartas de Proust a La Sizeranne (pois não há registro dela nas poucas respostas existentes deste àquele) pode ter sido uma construção fantasiosa de Proust, que lhe serviu de emulação e pretexto para publicar e se fazer publicar, e se projetar no centro de discussões que apaixonavam as cabeças pensantes da época. Rivais e catedrais imaginários, fictícios e/ou ficcionais, como pilares de uma obra que se forjava.

³³ [abr. 1908], *Corr. VI*: 102.

³⁴ [31 jan. 1917]. *Corr. XVI*: 37-38.

Referências bibliográficas

- NAKAO, Yukiko. La scène dans la jeunesse de Proust. *Departmental Bulletin Paper*, Kyoto University, 2001, p.121-134. <http://repository.kulib.kyoto-u.ac.jp/dspace/handle/2433/137918>.
- PROUST, Marcel. *Chroniques*. Paris: Gallimard, s/d [1927].
- . *Contre Sainte-Beuve* (Org. Bernard de Fallois). Paris: Gallimard, 1994 (1954).
- . *Jean Santeuil* (Org. Pierre Clarac e Yves Sandre). Paris: Gallimard, 1971.
- . *Correspondance II, III, VI, VIII, XII, XVI, XXI* (Org. Philip Kolb). Paris: Plon, 1976-1990.
- RUSKIN, John. *La Bible d'Amiens* (Tradução de Marcel Proust). Livre Electronique de Project Gutenberg, Canada, [1904]. www.gutenberg.ca/.../proustrusk.../proustrusk.../proustrusk-amiens-00h.html Acesso em 01/12/2010.

Recebido em: 16 de fevereiro de 2016

Aprovado em: 2 de maio de 2016